

TEMPOS DE URGÊNCIAS

"É preciso compreender que a violência vira as costas à esperança. É preciso preferir a esperança, a esperança da não-violência." (Stéphane Hessel)¹

A Revista Estudos da Condição Humana do Programa de Pós-graduação em Estudos da Condição Humana (PPGECH), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), campus de Sorocaba, tem o prazer de trazer a público mais uma edição da RECHU, composta por valiosas contribuições.

Sendo uma revista online de cariz interdisciplinar, de acesso aberto e gratuito, a RECHU recebe textos inéditos que analisam a pluralidade da construção e reconstrução da categoria do humano, as condições humanas e suas especificidades históricas, subjetivas, sociais, políticas, econômicas, éticas e linguísticas nas suas interfaces com a tecnologia, natureza e cultura e no desenvolvimento das abordagens teóricas e práticas sobre os modos nos quais o ser humano pode viver e se realizar.

E chegamos a mais um número da RECHU, num final de ano de 2024 marcado por muitas incertezas, ruídos, acelerações, desentendimentos, acirramentos, guerras, atos de violências, racismos de infinitas ordens... São muitas crises que temos vivido nesta nossa história da humanidade. Acaba? Não sabemos..., mas temos urgências! Urgência em encontrar caminhos, soluções para garantirmos condições de vida mais dignas à todas as pessoas, melhores condições de trabalho e salários sem discriminação por cor da pele, gênero ou classe social; respeito pela vida e todas as formas de existir... Resistir!

Como alerta Stéphane Hessel: "Está mais do que na altura de a preocupação com a ética, a justiça e o equilíbrio duradouro se tornar preponderante. Ameaçam-nos perigos gravíssimos, que podem pôr fim à aventura humana (...)" (2011, p.37-38). Os artigos aqui selecionados para este número 2, do volume 2 da revista, são escritos de urgências que nos falam: da esperança da não-discriminação, da não-violência, da não colonização, do não-racismo, da não irresponsabilidade. Lançam-nos à reflexão acerca de distintos contextos e acontecimentos que remetem à formação da sociedade brasileira sob as profundas marcas da desigualdade social e econômica.

A leitura do artigo, **Parque Industrial: um manifesto feminista**, de Letícia Nunes de Moares nos leva aos anos de 1930. A autora pretende recolocar *Parque Industrial*, de Patrícia Galvão, a Pagu, na estante das obras da literatura brasileira produzidos como um exemplo de romance proletário. A obra lançada em 1933, foi

¹ HESSEL, Stéphane. **Indignai-vos!** Tradução: Paula Centeno. 3ª Edição. Carnaxide-PT: Editora Objectiva, 2011, p.36; 37-38.

deixada de lado na época do seu lançamento. Letícia entende que a história de uma obra não se encerra no seu contexto de produção, e por isso observa sua potência como fonte inspiradora para novas criações e linguagens, como no teatro, por exemplo. O artigo destaca o pioneirismo de Pagu que antecipa as discussões sobre gênero, raça e classe ao retratar o cotidiano das operárias no bairro paulistano do Brás.

O artigo, **Espaço das jornalistas na cobertura das Copas Femininas de Futebol no Esporte Espetacular**, dos autores Sérgio Ricardo Soares e Joice Danielle Nascimento Pereira, traz uma reflexão sobre a participação das mulheres na cobertura jornalística das Copas do Mundo Feminina no programa Esporte Espetacular (EE), nos anos de 2019 e 2023. A pesquisa leva em consideração o espaço ocupado pelas mulheres ao longo da história na editoria de Jornalismo Esportivo, tomando como base áreas como narração, comentários e análises técnicas, espaços que são considerados masculinos dentro das dinâmicas da cobertura esportiva, sobretudo de futebol.

Quem responsabilizar? Casos de violência letal e racismo em espaços comerciais no Brasil, artigo escrito por Susana Soares Branco Durão, Paola Daniela Argentin e Gabriel Cunha Vituri, retorna ao ano de 2020, às vésperas do Dia da Consciência Negra no Brasil, para analisar o caso em que o país foi abalado pelo brutal assassinato de João Alberto Freitas, um homem negro espancado até a morte por funcionários de segurança de um hipermercado situado em Porto Alegre (RS). Mas se o caso instaurou imediatamente um debate e indignação sobre o racismo estrutural e institucional no país, ele também tornou públicas as disputas sobre onde situar, como localizar e responsabilizar os envolvidos no crime. Neste texto, os autores acompanham as repercussões midiáticas sobre o caso, o embate a respeito do conceito de racismo estrutural que gerou e as diferentes decisões judiciais que afetaram os envolvidos.

Os autores, Flávio Souza e Ana Cláudia Farranha, com o artigo, **Desigualdades raciais na pandemia de COVID-19: uma perspectiva comparada entre o Brasil e o Distrito Federal**, nos apresentam dados que confirmam a existência de desigualdades raciais no contexto da Pandemia de Covid-19 em uma perspectiva comparada entre o Brasil e o Distrito Federal; para isso, o texto se desdobra em dois capítulos centrais que investigam disparidades raciais em contaminações, mortes, e no processo distribuição de vacinas contra a doença.

A **Entrevista com a Professora Francisca Helena Marques**, Professora Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, realizada pelas entrevistadoras Cláudia Lahni e Carolina Cadinelli, traz uma narrativa acerca da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, entidade de mulheres negras do Recôncavo Baiano, com a qual desenvolve pesquisa há mais de 20 anos. Com um trabalho pioneiro na etnomusicologia participativa com foco na música e na cultura do Recôncavo Baiano, Francisca formou com a comunidade do Samba de Roda de Dona Dalva o Laboratório de Etnomusicologia (LEAA/Recôncavo). A entrevistada trabalhou em pesquisa que subsidiou a consolidação do título de Patrimônio Brasileiro para o Samba de Roda do Recôncavo e da Bahia. No dia 12 de novembro de 2024 – logo após a revalidação ao

samba de roda do título de Patrimônio Cultural Brasileiro, a professora Francisca Helena Marques conversou online com as entrevistadoras.

E porque as urgências são muitas e porque se precisa de respostas, precisões para esclarecer as confusões, a Resenha de Luciana Salazar Salgado sobre o livro de **Breno Altman, Contra o sionismo – retrato de uma doutrina colonial e racista**, nos inspira a diferentes abordagens acerca de uma obra, um contexto, um formato de edição. O título sustentado pela figura do autor para a qual aponta: a do jornalista Breno Altman, conhecido por sua clareza meridiana nas análises geopolíticas. Luciana, nos apresenta um livro que foi feito em poucas semanas, entre a ação do Hamas em 7 de outubro de 2023 e a Flipei – Festa Literária Pirata das Editoras Independentes iniciada em 22 de novembro, quando ainda era vizinha da Flip – a Festa Literária Internacional de Paraty.

Assim, esta edição da RECHU, neste finalzinho do ano de 2024, é o resultado do esforço e da colaboração de colegas/amig@s que compõem o Comitê Editorial. Pessoas esperançosas e companheiras que lutam cotidianamente por tempos melhores; que nos socorrem com sugestões e orientações quando as coisas no fluxo editorial se complicam. Fica um agradecimento especial à Fina Tranquilin e Geraldo Tadeu Souza. E, sobretudo, nossos sinceros agradecimentos aos autores aqui reunidos que nos trouxeram a sua matéria prima, contribuindo para esta nossa celebração editorial!

Desejamos uma agradável e proveitosa leitura.

Sorocaba, dezembro de 2024

Kelen Christina Leite
Vanda Aparecida da Silva
Viviane Melo de Mendonça
Editoras